



ANAIS



# III CEPIAL

---

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

---

Semeando Novos Rumos

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil



ANAIS



# III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

## Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:  
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS  
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho 2012  
Curitiba - Brasil

# ANAIS



**III CEPIAL**

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

## Eixo 5

**“MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE,  
CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA”**

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil

## EIXO 5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA

### MR5.1.- Mudanças Globais, Mudanças Climáticas e impactos socioambientais

EMENTA O modelo de desenvolvimento econômico e as formas de apropriação da natureza estão na gênese das crises socioambientais contemporâneas e, portanto, das mudanças climáticas globais (MC). Mesmo eivada de fortes controvérsias, donde alta complexidade, as MC podem levar a humanidade a conviver com impactos em diferentes escalas e profundidades sobre a biosfera, os biomas, os diversos ecossistemas terrestres e as próprias sociedades humanas. Contudo, ainda que considerados os importantes avanços das ciências da atmosfera sobre o tema, pairam ainda importantes e desconcertantes questões sobre o futuro do clima e, portanto, sobre o futuro das sociedades.

Coordenador: Francisco Mendonça – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)

Hugo Romero: Universidad de Chile - (CHILE)

Paulo Artaxo: Instituto de Física da Universidade de São Paulo - (USP - BRASIL)

Luiz Carlos Molion: Meteorologista e professor da Universidade Federal de Alagoas - (UFAL - BRASIL)

German Palácio: Universidad Nacional de Colômbia - (UNC - COLÔMBIA)

#### RESUMOS APROVADOS

RESPONSABILIDADE CIVIL DAS USINAS NUCLEARES NO CASO DE ACIDENTES NUCLEARES CAUSADOS POR CATÁSTROFES NATURAIS (autor(es/as): **Ana Carolina Rosseto Rossetti**)

AQUECIMENTO GLOBAL NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DO RISCO: MITO OU REALIDADE? (autor(es/as): **ELIAS MARCOS GONÇALVES DOS SANTOS**)

INDICADORES SOCIOAMBIENTAIS PARTICIPATIVOS: CONTRIBUIÇÕES NA PREVENÇÃO DE DESASTRES NATURAIS NA MICROBACIA DO RIO SAGRADO, MORRETES (PR). (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

### MR5.2.- Cidades: qualidade, condições e situações de vida

#### EMENTA

O conceito de Meio Ambiente e qualidade de vida pressupõe um lugar ou um espaço humanizado, não hostil, onde se possa pensar uma concepção humanista subjacente à construção da subjetividade que seja capaz de nos conduzir a uma sociedade mais amorosa, mais solidária e mais humana. A partir desse paradigma, o conceito de espaço social se reveste de grande importância pois é o locus onde se produz a vida em todas as suas dimensões e a qualidade de vida se coloca nessa perspectiva. Partindo da premissa de que todo o ser humano tem direito aos bens materiais e imateriais, a qualidade de vida coloca-se como uma referência no estabelecimento de estratégias para o entendimento e planejamento dos ambientes onde vivem os seres humanos.

Coordenadores: Geraldo Milioli e Teresinha Maria Gonçalves – Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina - (UNESC – BRASIL)

Milena Rincon Castellanos: Pontificia Universidad Javeriana – (PUJ - COLÔMBIA)

Izês Regina de Oliveira: Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC – BRASIL)

Flávio Gomes Ferreira: Universidade federal de Santa Catarina - (UFSC – BRASIL)

#### RESUMOS APROVADOS

Os problemas socioambientais de uma cidade amazônica (autor(es/as): **Adriana Ramos dos Santos**)

Turismo nos espaços urbanos: implicações nas dimensões sociais do lazer e da cultura. (autor(es/as): **Aline Dornelles Madrid**)

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E OS PROBLEMAS SOCIOAMBIENTAIS NA REGIÃO CARBONÍFERA CATARINENSE: O CASO DO BAIRRO FORQUILHA, TREVISO – SC (autor(es/as): **Amanda Bellettini Munari**)

OS CATADORES DE MATÉRIAS RECICLÁVEIS: ENTRE A PANACEIA DO DISCURSO ECOLÓGICO E A SIMPLES SOBREVIVÊNCIA (autor(es/as): **ERICA PELLUCCI BARRETO MAROTTA**)

DIREITOS HUMANOS, MEIO AMBIENTE E DIREITO DAS CIDADES: uma interrelação necessária para o desenvolvimento de uma urbanização sustentável (autor(es/as): **Fátima Fagundes Barasuol Hammarstron**)

CONCENTRAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DO BORO EM ESPÉCIES FLORESTAIS DO SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ E SUA INFLUÊNCIA NO AMBIENTE LOCAL (autoes(es/as): **GIOVANNO RADEL DE VARGAS**)

EDUCAÇÃO ECOLÓGICA CONTRIBUINDO NO DESENVOLVIMENTO DE CIDADES MAIS SEGURAS (autor(es/as): **Joamara Mota Borges**)

AValiação DO TEOR DE FERRO NAS FOLHAS DE CINCO ESPÉCIES FLO-RESTAIS, COMO INDICADOR DA QUALIDADE DO AR (autor(es/as): **Jonas Eduardo Bianchin**)

CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NAS “MARGENS” DA CIDADE DE CURITIBA: ANÁLISE DOS CASOS “ITAQUI”, “ILHA” E “GRACIOSA” (autor(es/as): **Kenneth Dias dos Santos, Leandro Franklin Gorsdorf**)

INDICADORES SOCIOCULTURAIS E SUSTENTABILIDADE: SITUAÇÕES DE VIDA E SISTEMAS ORGÂNICOS DE PRODUÇÃO NO VALE DO TAQUARI, RIO GRANDE DO SUL/BRASIL (autor(es/as): **Valdir Jose Morigi**)

PLANEJAMENTO URBANO E AMBIENTAL DAS PEQUENAS CIDADES, UM ESTUDO DE CASO DE BELA VISTA DO TOLDO, SC (autor(es/as): **Vanessa Maria Ludka**)

RECURSOS HÍDRICOS E O URBANO. RELAÇÃO PROBLEMÁTICA E SOLUÇÕES PROPOSTAS (autor(es/as): **Yasmin Viana Ribeiro de Almeida**)

ÁGUA COMO DIREITO FUNDAMENTAL: REFLEXÃO ACERCA DA NECESSIDADE DE REGULAÇÃO E GESTÃO TRANSNACIONAL (autor(es/as): **FERNANDA SERRER SCHERER e MARCOS PAULO SCHERER**)

### MR5.3.- Educação socioambiental: natureza, cultura e teorias sociais

#### EMENTA

Filosofia da Natureza. Diversidade cultural Possibilidades e desafios de uma Educação Socioambiental. Diálogo das Ciências Sociais com a Educação Socioambiental. Cultura e Práticas socioeducativas ambientais.

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## EIXO 5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA

Coordenadora: Maria do Rosário Knechtel – Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente da Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)  
Ana Teresa dos Reis: Universidade de Brasília - (UNB – BRASIL)  
Christian Henrique Zuñiga: Universidad Austral de Chile – (UAC - CHILE)  
José Edmilson de Souza Lima: Faculdades Associadas de Ensino (FAE – BRASIL)  
Antonio Guerra: Universidade Vale do Itajaí - (UNIVALI – BRASIL)

### RESUMOS APROVADOS

EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ENFOQUE DOS RESÍDUOS SÓLIDOS EM UMA COMUNIDADE RURAL (autor(es/as): ANA KARLA PAZDA)  
HISTÓRIA AMBIENTAL-OLHARES SOBRE AMÉRICA LATINA (autor(es/as): Carlos Odilon da Costa)  
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O EGRESSO EM ENGENHARIA AMBIENTAL: UM ESTUDO DE SUA CONTRIBUIÇÃO NO ÂMBITO DA REGIÃO SUL CARBONÍFERA CATARINENSE (autor(es/as): Gláucia Cardoso de Souza)  
APLICAÇÃO DE TÉCNICAS DE CONSERVAÇÃO E PROTEÇÃO DE NASCENTES EM PEQUENAS PROPRIEDADES AGRÍCOLAS NO MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO – PR. (autor(es/as): Jefferson de Queiroz Crispim)  
IMPLANTAÇÃO DE TECNOLOGIAS ECOLÓGICAMENTE ADEQUADAS NA CASA FAMILIAR RURAL DE IRETAMA – PR (autor(es/as): Jose Antonio da Rocha)  
RELAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO (autor(es/as): Luiz Arthur Conceição e Girolamo Filippo Variola)  
METODOLOGIAS PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA DA SAÚDE NA EDUCAÇÃO BÁSICA (autor(es/as): Ramon de Oliveira Bieco Braga)  
UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO MÉDIO (autor(es/as): Ramon de Oliveira Bieco Braga)  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A PARTICIPAÇÃO DE ATORES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE RACIONALIDADE PAUTADA NA ÉTICA AMBIENTAL (autor(es/as): Rosana Cristina Biral Leme)  
ANÁLISE DO PROCESSO DE GERENCIAMENTO E GESTÃO DOS RESÍDUOS DOMÉSTICOS DO MUNICÍPIO DE MAMBORÊ-PR (autor(es/as): SILVANA DE JESUS GALDINO)  
O USO DE TECNOLOGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO SOCIOAMBIENTAL (autor(es/as): Valkiria Trindade de Almeida Santos)

### 5.4. Conhecimento Local e Meio Ambiente: Abordagens Participativas e pluralistas da diversidade Socioespacial

A abordagem complexa dos saberes locais, isto é, das compreensões e práticas distintas sobre o mundo natural (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2010), emerge do contexto de crise paradigmática da ciência moderna e da necessidade de abertura ao diálogo com outros saberes. Incluímos nessa categoria o patrimônio material e imaterial de coletividades que, desde seus territórios, buscam resistir e reafirmar suas identidades frente à modernização e racionalização de suas realidades. Parte-se, portanto, da necessidade de abertura ao diálogo com outros saberes. Nesse contexto dialógico, questiona-se “até que ponto é possível chegar a reconstruir cientificamente um sistema de pensamento ou de classificação da natureza de indivíduos pertencentes a sociedades culturais diferentes?” (VIERTLER, 2002: 21); trata-se, talvez, de um método interpretativo do discurso e das práticas sociais, tal como são os saberes científicos e não científicos (FLORIANI, 2010). Fala-se, então, na necessidade de um método para abordar a ciência do “OUTRO”, isto é, de uma ciência possuída por uma cultura específica, ou melhor, de etnociência baseada em uma densa descrição da ciência do outro, construída a partir do referencial da academia (CAMPOS, 2002); Assim sendo, a abordagem complexa deve possibilitar a interpretação acadêmica do saberes locais sobre o mundo natural apoiando-se em na união de métodos e técnicas oriundos de outros ramos científicos (da psicologia, da antropologia, da sociologia, da linguística, da ecologia, da geografia, etc.) de forma a permitir a interpretação das narrativas (da ciência e dos saberes locais) acerca dos fenômenos espacial (o território da comunidade) e temporal (o tempo social e biológico) que configuram a sociogeobiodiversidade latino-americana.

### RESUMOS APROVADOS

A TEMÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DO COLÉGIO ESTADUAL BOM JESUS NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DO SUL-PR (autor(es/as): ALCIMAR PAULO FREISLEBEN)  
ESTUDO DO PATRIMÔNIO COGNITIVO AGRÍCOLA E ECOLÓGICO NO FAXINAL TAQUARI DOS RIBEIROS, RIO AZUL, PARANÁ: ABORDAGENS ETNOCIENTÍFICA E GEOGRÁFICA (autor(es/as): Andrea Aparecida Inacio da Silva)  
TERRITÓRIO, TRABALHO, MEIO AMBIENTE E A GARANTIA DA ALIMENTAÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS QUILOMBOLAS DE JOÃO SURÁ (autor(es/as): ANDRÉIA OLIVEIRA SANCHO CAMBUY)  
CÓDIGO FLORESTAL AMBIENTAL FEDERAL E ESTADUAL: UM ESTUDO DOS IMPACTOS ECONÔMICOS ADEQUADOS NO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE IRINEÓPOLIS-SC (autor(es/as): CARLOS ROBERTO RODRIGUES DA SILVA)  
PRÁTICAS, TÉCNICAS E GEOSÍMBOLOS DA CULTURA DA PESCAAMADORA NA PAISAGEM FLUVIAL DO PITANGUI-JOTUVA - REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS, PARANÁ (autor(es/as): Carlos Roberto Scheibel)  
PROGRAMA DE EXTENSÃO FORTALECIMENTO DOS MODOS DE VIDA DO CAMPO: EXPERIÊNCIAS DE ABORDAGENS PARTICIPATIVAS (autor(es/as): Cristiane Mansur de Moraes Souza)  
ABORDAGEM ETNOPEDELOLÓGICA ACERCA DOS SOLOS DO SUBSISTEMA 'TERRA DE PLANTAR' NO FAXINAL TAQUARI DOS RIBEIROS, RIO AZUL – PR (autor(es/as): Juliano Strachulski)  
*Las transformaciones socio-espaciales de la integración suramericana en territorios amazónicos de frontera: formas de producción de exclusión, dominación y pobreza* (autor(es/as): Milson Betancourt)  
Controvérsias socio-ambientais na criação do Parque Nacional da Serra do Itajaí. (autor(es/as): Sandy Rafaela Krambeck)

### 5.5. A questão ambiental na América Latina: Produção discursiva e conhecimento científico

Nas últimas décadas, as instituições acadêmicas, atores governamentais e não governamentais latino-americanos tem incrementado sua produção de conhecimento sobre os mais diversos aspectos atinentes ao debate das questões ambientais da América Latina. O debate sobre o conteúdo desta produção científica e discursiva vem interessando alguns dos pesquisadores e analistas sobre algumas dessas questões, tais como biodiversidade, energia, produção de alimentos, usos dos recursos naturais, conflitos socio-ambientais, políticas públicas, educação ambiental, governabilidade e gestão ambiental, práticas sustentáveis, legislação ambiental, gestão dos territórios, agroecologia, produção familiar e agricultura sustentável, políticas industriais e sustentabilidade, planejamento urbano e conflitos ambientais, etc. Fazer um balanço dessa produção de conhecimento, bem como os usos sociais e as diferentes concepções que emergem daquela produção é um dos principais objetivos desta mesa redonda.

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## RESUMOS APROVADOS

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: estratégia para auxiliar a reduzir os impactos ambientais decorrentes dos diversos tipos de poluição (autor(es/as): **Ana Cristina Schirlo**)

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO NO CINEMA (autor(es/as): **Clarissa Corrêa Henning**)

ECONOMIA E MEIO AMBIENTE: ANÁLISE QUANTITATIVA NOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA ÁREA DE ECONOMIA NO BRASIL (autor(es/as): **Francisco Salau Brasil**)

PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO: INSTRUMENTO PARA ENTENDER A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL (autor(es/as): **Nilva Giane Trajano Gonçalves**)

O MERCOSUL E UNASUL: UM OLHAR SOBRE A AGENDA AMBIENTAL LATINO-AMERICANA (autor(es/as): **Sigrid de Mendonça Andersen**)  
TECNOLOGIAS AMBIENTAIS, SISTEMAS REGIONAIS DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL. (autor(es/as): **Thierry Molnar Prates**)

Socioambiental: O Discurso presente na política e no mercado (autor(es/as): **Gabriel Ferreira carvalho**)

POLÍTICAS DE TURISMO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

### MR5.6. – Ruralidades, Meio Ambiente e Novos Atores

As dinâmicas dos processos sociais vinculadas à problemática socioambiental, no que se refere à constituição de um novo campo de abordagem sobre a agricultura, tem sido interpretadas à luz de teorias e métodos interdisciplinares. Assim, as novas ruralidades permitem interpretar novos espaços de confluência entre atores que constroem suas estratégias de ação, levando em conta uma outra ressignificação da natureza, da cultura e das práticas materiais.

Coordenador: Osvaldo Heller da Silva – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)

Álfo Brandenburg: Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)

Horacio Machado Araújo: Unión de Asambleas Ciudadanas (UAC - ARGENTINA)

Arlson Favareto: Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do ABC – (CECS/UFABC - BRASIL)

Juan Sánchez: Universidad de Lagos - (UNILAG – CHILE)

## RESUMOS APROVADOS

RISCOS E VULNERABILIDADES EM ASSENTAMENTOS RURAIS NO ESTADO DA PARAÍBA (autor(es/as): **Alan Ripoll Alves**)

DA MATA NATURAL AO EUCALIPTO: ARACRUZ CELULOSE/FIBRIA (autor(es/as): **BRENA DE CASTRO COSTA**)

CONTEXTUALIZANDO A ESCOLA LATINO AMERICANA DE AGRONECOLOGIA E SUA INTERFACE COM GÊNERO E EDUCAÇÃO (autor(es/as): **Tereza Lopes Miranda**)

O DIREITO DE TER DIREITOS: PRÁTICAS DE CIDADANIA EM COMUNIDADES RURAIS DE RONDÔNIA (autor(es/as): **ELISANGELA FERREIRA MENEZES**)

CAMPONESES E RELIGIOSIDADE: A TERRITORIALIDADE DOS GRUPOS DE EVANGELIZAÇÃO NA COMUNIDADE DO CRAVO (autor(es/as): **RAFAEL BENEVIDES DE SOUSA**)



## A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO NO CINEMA<sup>1</sup>

Clarissa Corrêa Henning

Virginia Tavares Vieira

Paula Corrêa Henning

**Resumo:** O presente artigo trata de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida com o intuito de problematizar discursos ambientais contemporâneos presentes na mídia. A intenção é investigar como o cinema constitui o sujeito ecológico – e como o sujeito ecológico também constitui e mantém esse mesmo discurso. Quer-se provocar o pensamento acerca da força dos discursos midiáticos que interpelam e capturam os sujeitos para agirem frente a crise ambiental vivida no século XXI. Ao estudar alguns desses discursos entende-se que a mídia coloca em operação uma relação de poder ao fabricar verdades, produzir sentidos e constituir sujeitos. Destacamos nesse artigo o forte apelo midiático na constituição de um sujeito ambiental preocupado com a vida humana no Planeta Terra. Apresenta-se inicialmente o contexto contemporâneo, problematizando especificamente o campo da Educação Ambiental. Discute-se pequenos fragmentos de discursos midiáticos, mais especificamente no campo do cinema, que engendram o sujeito ecológico. Para este texto trazemos dois discursos profundamente divergentes – o da crise ambiental e o da incitação permanente ao consumo. Além disso, colocamos sob exame os discursos apocalípticos de fim do mundo devido ao mal uso dos recursos naturais feito pelo homem. Como guisa de conclusão, provoca-se o leitor a pensar atravessamentos de tais ditos em nossas vidas.

**Palavras-chave:** Mídia; Educação Ambiental; Consumo; Discursos apocalípticos.

### Dados das Autoras

Clarissa Corrêa Henning é Jornalista e Mestranda do PPGCom ECO da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente estuda sobre capitalismo flexível, cibercultura e discursos ambientais. Contato: [clarissahenning@yahoo.com.br](mailto:clarissahenning@yahoo.com.br)

94713111020

Virginia Tavares Vieira é Musicista e Mestranda do PPG em Educação Ambiental Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente estuda sobre crise ambiental e discursos presentes nas músicas contemporâneas. Contato: [vi\\_violao@yahoo.com.br](mailto:vi_violao@yahoo.com.br)

Paula Corrêa Henning é Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora do PPG em Educação Ambiental e Professora e Coordenadora do PPG Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande. Integrante do Grupo de Pesquisa Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação. Contato: [paula.henning@ig.com.br](mailto:paula.henning@ig.com.br)

No cenário contemporâneo temos vivenciado a um forte apelo midiático voltado para a crise ambiental do Planeta. O elevado crescimento demográfico, o demasiado uso dos recursos naturais, as catástrofes, os desastres ecológicos e também nossos modos de vida, fizeram com que se instalasse em nosso Planeta uma crise ambiental e, por decorrência, também social. Percebemos que há uma preocupação global diante dessa crise, tornando-se uma questão central nos meios de comunicação de massa, nas escolas, em empresas, assim como nas organizações - com chefes de estados de diversos países buscando encontrar alternativas para a problemática ambiental.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa conta com financiamento do Programa Observatório da Educação – CAPES.



A preocupação com o consumo, o aquecimento global, as toneladas de lixo produzidas por nós viraram moedas fortes e recorrentemente tratadas no interior da mídia. Ao percebermos na atualidade a crise ambiental que Guattari (1990) nos anunciava, podemos entender um dos porquês do discurso ambiental estar cada vez mais presente em nossas vidas. Não há dúvida que do início da década de 90 para cá começamos a sentir uma forte preocupação com o futuro do nosso planeta tanto por empresas governamentais e não-governamentais, como por parte da sociedade de uma forma geral. Com isso, a educação ambiental tomou força e vem se constituindo num campo de visibilidades diante da preocupante devastação do meio ambiente. Um dos espaços em que estes discursos circulam recorrentemente é a mídia, produzindo verdades e saberes acerca da crise vivida no século XXI.

Apresentamos neste artigo uma pesquisa que vem sendo desenvolvida com o intuito de problematizar discursos contemporâneos presentes na mídia. Os discursos midiáticos colocam em discussão a forma como nos relacionamos com a natureza, o entendimento de meio ambiente, o futuro da espécie humana e a devastação que nós, humanos, vimos realizando com o lugar onde vivemos: o Planeta Terra. A intenção é investigar como o cinema constitui o sujeito ecológico – e como o sujeito ecológico também constitui e mantém esse mesmo discurso. Aqui vale destacar o forte apelo midiático na constituição de um sujeito ambiental preocupado com a vida humana no Planeta Terra. Apresentamos inicialmente o contexto contemporâneo, problematizando especificamente o campo da Educação Ambiental; a seguir, embasadas em nosso referencial teórico, discutimos pequenos fragmentos de discursos midiáticos, mais especificamente no campo do cinema, que engendram o sujeito ecológico. Problematicamos a coexistência de dois discursos profundamente divergentes – o da crise ambiental e o da incitação permanente ao consumo: quais são seus efeitos de verdade? Que laços existem entre o capitalismo flexível, a temática da sustentabilidade e os discursos midiáticos? Além disso, colocamos sob exame os discursos apocalípticos de fim do mundo devido ao mal uso dos recursos naturais feito pelo homem. Como guisa de conclusão, provocamos o leitor a pensar conosco nos atravessamentos de tais ditos em nossas vidas.

### **A Crise Ambiental em exame**

Este é um tempo de paradoxos, de quebra de fronteiras, de crise nas metanarrativas. Este é também um tempo onde espaços, antes bem demarcados, agora



passam por um processo de apagamento de suas fronteiras. Cultura e economia são duas áreas que, para muitos teóricos, já não podem mais ser separadas.

Para Lipovetsky (2012), no tempo do capitalismo cultural, a força propulsora da economia são as indústrias da cultura e da comunicação. A cultura-mundo passa ao largo das dicotomias criação/indústria, produção/representação, arte/moda, vanguarda/mercado – a cultura integra o conteúdo mercadológico e a economia torna-se elemento cultural. Quando os “empreendimentos criativos” são o padrão da economia cultural, explicitam-se os princípios fundamentais dessa conjuntura: o mercado, o consumismo, o progresso técnico-científico, o individualismo, a indústria cultural e da comunicação. É desse modo que a cultura-mundo cria novas significações culturais, normas e mitos.

Também para Jameson (2006) a economia se sobrepõe a cultura de maneira que tanto a produção de mercadorias quanto as altas finanças especulativas se tornam culturais. A cultura, por sua vez, tomou um viés profundamente econômico e é hoje orientada pela mercadoria.

De acordo com Lipovetsky (2012), o processo de “cultura-mundo” seria exatamente a sobreposição entre cultura e economia. Além de terem oportunizado a “unificação” do mundo, as novas tecnologias, a mídia de massa (e também a internet), os desastres ecológicos, a queda do muro de Berlim e o desenvolvimento dos transportes instigaram uma consciência do mundo. Assim, algo que aconteça no outro extremo do mapa pode provocar empatia, ódio, medo ou pavor do outro lado do planeta. Dessa maneira, a compressão do espaço-tempo da cultura-mundo instiga o surgimento de novos modos de vida que não reconhecem fronteiras, e favorece a sensação de que vivemos todos no mesmo contexto. O desdobramento dessas idéias é a consagração de duas grandes ideologias próprias de um mundo globalizado – a ecologia e os direitos humanos.

Nesse contexto, Ehrenberg (2010) se refere a uma mudança global que se deve a “modos de existência do poder que passam pela mudança permanente e pela prioridade atribuída à singularidade de cada um” (EHRENBERG, 2010, p. 174). É por isso que uma das grandes marcas da contemporaneidade é a decadência das políticas de emancipação coletiva, que hoje dão lugar aquelas que apregoam a produção autônoma de si como projeto para alcançar a felicidade. A justiça, a concorrência, a imprevisibilidade e a realização pessoal são apontadas como os elementos principais dessa sociedade que atribui a cada um o lugar conquistado por si mesmo.

Também para Bauman (2001) a auto-afirmação do indivíduo adquire uma ênfase nunca vista. A busca por uma “sociedade justa”, agora, está fatalmente ligada aos “direitos humanos”. O discurso é o de que cada um pode ser diferente do outro e que



pode escolher “à vontade seus próprios modelos de felicidade e de modo de vida adequado” (BAUMAN, 2001, p. 38). O aperfeiçoamento depende de cada pessoa, o que quer dizer que o Estado se livrou de seu caráter emancipatório. A sociedade dá forma à individualidade, e os indivíduos formam a sociedade a partir de suas ações na vida. O projeto de vida depende cada vez mais do indivíduo, assim como a responsabilidade pelas conseqüências de suas escolhas.

Nesse sentido, Taylor (2008) alerta para que uma das grandes leis que regem esse mundo é o princípio do dano:

[...] ninguém tem o direito de interferir na minha vida para o meu próprio bem, mas somente para prevenir dano a outros. [...] o princípio do dano é amplamente endossado e parece ser a fórmula demandada pelo individualismo expressivo dominante. [...] De fato, a “busca pela felicidade (individual)” assume um novo significado no período pós-guerra (TAYLOR, 2008, p. 569) [grifos do autor].

Individualismo e consumismo são, de fato, duas características fundamentais deste tempo. O autor também atenta para o forte laço que uniu a expressão individual e a autodefinição da identidade com a venda de mercadorias: a linguagem da autodefinição aparece nos espaços de exibição mútua, e “essa linguagem é objeto de constantes tentativas de manipulação por parte das grandes corporações” (TAYLOR, 2008, p. 567).

Mas o consumismo hipermoderno não se limita ao econômico: existe também uma imposição dos direitos humanos, onde a palavra de ordem é o melhor viver, a otimização da saúde, a longevidade – ideias que tomam a força de imperativos racionais. Contudo, como ensina Lipovetsky, a crise ambiental é uma das contrapartidas dessa lógica.

Mas, se existe, apesar de tudo, uma dimensão moral no consumismo hipermoderno, também há algo de anárquico, de desarrazoado, de profundamente irresponsável, haja vista até que ponto o modo de viver daí derivado se mostra devastador do meio ambiente e impróprio para uma aplicação generalizada ao mundo inteiro. (...) em sociedades caracterizadas pela inovação permanente e pelo individualismo extremado, há mais chances de ser posto em prática um hiperconsumismo durável que uma nova sociedade frugal. Assim, não é uma rígida economia que vai sendo elaborada, e sim uma economia ecológica com baixa emissão de carbono que, favorecendo a eficácia energética, seria capaz de reaquecer a demanda de maneira sustentável (LIPOVETSKY, 2012, 20-21).

A década de 60 do século passado, conhecida como a época dos grandes movimentos sociais, viu eclodir no mundo uma insatisfação por parte da sociedade nas formas de viver. Um tempo que ficou marcado pelo movimento feminista, o início do movimento ecológico, a revolução de maio de 68 na França e o endurecimento dos governos que se instalava na América Latina.

No que tange a problemática ambiental, a partir desse período foram realizadas reuniões, congressos, conferências mundiais com o objetivo de colocar em pauta a poluição, o consumo, a utilização dos recursos naturais e o crescimento da população



mundial. Começa a surgir então uma preocupação com a situação de degradação do meio ambiente e o futuro da população.

Ressaltamos aqui alguns dos principais encontros como a Conferência de Estocolmo, na década de 70, a Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental em Tbilisi, URSS, e a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ECO-92, no Rio de Janeiro. Recentemente, marcando os 40 anos da Conferência de Estocolmo, o primeiro grande evento político preocupado com o meio ambiente, e 20 anos após a ECO-92, foi realizado no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20. Com o objetivo de reafirmar alguns compromissos políticos sobre o desenvolvimento sustentável, a Rio+20 abordou também temas importantes para o futuro do Planeta como a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza. Podemos evidenciar com isso, uma grande preocupação com o futuro do Planeta demonstrada através desses encontros pelo mundo em prol do meio ambiente e do futuro da população.

Em decorrência da real situação de degradação do meio ambiente, e preocupada com a vida da população e com as futuras gerações, a Educação Ambiental, “enquanto ação educativa” aparece como alternativa intercessora entre o campo educativo e a crise ambiental (CARVALHO, 2008).

A partir da Convenção-Quadro das Nações Unidas, com encontros anuais, criou-se também o Protocolo de Kyoto, em 1997, que estabelecia metas para emissão de gases na atmosfera para os países desenvolvidos. Outro importante acontecimento foi à reunião de Copenhagen (2009), que teve como objetivo discutir um novo plano de ação sobre as mudanças climáticas para a substituição do Protocolo de Kyoto.

O olhar da sociedade está voltado para os problemas ambientais e, em decorrência disso, nos deparamos diante de um bombardeio de discursos de Educação Ambiental, que vem circulando diariamente nos veículos de comunicação de massa. Frente a isso, esses discursos de Educação Ambiental vão tomando força e tornando-se cada dia mais presente em nossas vidas, nos interpelando e nos provocando a pensar nessa crise ambiental que se instala na atualidade. Somos capturados diariamente pela mídia que nos conduz perante nossos atos mais comuns, determinando o que deve ser feito e como devemos agir frente aos problemas ambientais.

Diante dessa crise social e ambiental, é importante problematizarmos questões como as que aqui serão colocadas sob exame, tão vigentes na atualidade e que muitas vezes são dadas como já conhecidas, desbravadas e dominadas por nós. Isabel Carvalho (2008) nos chama a atenção para a importância de olharmos para o mundo de uma forma



diferente da qual estamos acostumados, olharmos as mesmas coisas, as mesmas “paisagens” com olhos diferentes. Esse movimento a autora chama de processo de “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios. Nesse sentido, nossa proposta é levantar alguns questionamentos: O que entendemos por meio ambiente? O que entendemos por natureza? Como pensamos o homem no meio ambiente e na natureza?

Muitas vezes ao falarmos em meio ambiente, prontamente atrelamos a ideia de que estamos nos referindo a temas relacionado a ecologia. Para Carvalho (2008), essa representação que temos de meio ambiente e natureza, freqüentemente é reforçada através dos meios de comunicação de massa, como os programas de TV, os documentários, o cinema, a música, enfim, a mídia de uma forma geral. Dentro desta perspectiva, o meio ambiente esta longe de ser entendido como um espaço de inter-relação entre o homem, a cultura, a natureza e a sociedade. Nesse sentido, o homem aparece como um ser intruso a esse espaço, longe de ser percebido como pertencente ao meio ambiente. Corroborando dessa idéia, Carvalho ressalta:

Essas imagens de natureza não são como pretendem se apresentar, um retrato objetivo e neutro, um espelho do mundo natural, mas traduzem certa visão de natureza que termina influenciando bastante o conceito de meio ambiente disseminado no conjunto da sociedade. Essa visão “naturalizada” tende a ver a natureza como o mundo da ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, o qual segue vivendo como autônoma e independente da interação com o mundo cultural humano. Quando essa interação é focada, a presença humana amiúde aparece como problemática e nefasta para a natureza (CARVALHO, 2008, p.35).

Ainda dentro desta perspectiva, podemos dizer que esta afirmação esta relacionada ao fato de vivermos sob uma égide antropocêntrica. Para Mauro Grün (2007), a cultura, o nosso princípio de valores, a predominância do homem sobre todas as coisas, a capacidade que o mesmo tem de interferir na natureza, os modos de vivermos e sermos tem sido uma das principais causas de estarmos diante de uma crise ambiental. Talvez fosse importante pensarmos como se formam esses discursos relacionados à natureza, e principalmente as ações do homem no meio ambiente. Será que nos entendemos como seres pertencentes a essa natureza e ao meio ambiente?

A crise ambiental apresenta-se hoje como um grande desafio da humanidade, e em conseqüência disso, ouvimos muito falar sobre o meio ambiente e sua devastação em campanhas publicitárias, filmes de animação, propagandas midiáticas, divulgações em empresas governamentais e não-governamentais. Desta forma, os meios de comunicação de massa vêm constituindo modos de vida, discursos e verdades, com campanhas



massivas relacionadas à Educação Ambiental, e isto sempre ligado a uma estratégia de proteção com o mundo atual (HENNING, RATTO E GARRÉ, 2010).

Há uma emergência da crise ambiental vivida por todos nós na atualidade e, diante disso, vale perguntarmo-nos: de que forma somos capturados por esses discursos que a todo momento nos convidam a fazer a nossa parte, para que assim possamos salvar nosso planeta? É importante pensar de que forma viveremos daqui em diante nesse planeta, já que vivemos um período de constantes transformações técnico científico, de intenso crescimento demográfico, de desemprego, de ansiedade, de angústias. Neste sentido, Carvalho (2008) salienta que existe um jeito de ser sujeito ecológico no mundo de hoje, um novo estilo de vida com modos próprios de pensar o mundo e de pensar a si mesmo e as relações com os outros neste mundo.

Esse modo ideal de ser e viver orientado pelos princípios do ideário ecológico é o que chamamos de sujeito ecológico. O sujeito ecológico é um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, o que também implica uma sociedade plenamente ecológica (CARVALHO, 2008, p.65).

Esse sujeito ecológico vem sendo produzido em diferentes locais. Nesse sentido, hoje em dia parece-nos imprescindível voltar nossa atenção para esses espaços como produtores de saberes: a mídia, a música, o cinema, são pedagogias culturais, que vêm nos ensinando, nos educando e, a todo momento produzindo modos de vida para o mundo de hoje. Diariamente somos incitados a pensar nessa crise ambiental que esta instalada em nossas vidas, através desses discursos referentes à perda do planeta, com visões antropocêntricas onde o homem aparece como o principal destruidor do planeta.

A respeito disso vale referirmo-nos a cenas enunciadas no filme de animação Wall.e. No desenho animado, o mundo foi soterrado pelo lixo produzido e gerado pelo consumo exacerbado da humanidade. Sem alternativas, a empresa BNL, a única empresa do mundo, cria uma estação no espaço denominada de Axiom, na qual os humanos poderiam viver por um período de cinco anos, enquanto a limpeza da Terra fosse realizada e o mundo se tornasse novamente habitável. Máquinas identificadas como Wall.e (Levantadores de Carga para Alocação de Lixo - Classe "Terra") não suportaram as condições precárias em que se encontrava o Planeta Terra e acabaram deixando de funcionar. Apenas, um único exemplar de Wall.e, permaneceu e continuou funcionando. Durante 700 anos ele trabalha sozinho, cumprindo a tarefa que foi programado para fazer. Num dia como tantos outros, chega dos céus uma nave e Wall.e recebe a visita de EVA (Examinadora de Vegetação Alienígena), uma nova espécie de robô, enviada ao Planeta para cumprir uma rápida missão de procurar exemplares de vegetais vivos, o que significaria que a vida se tornou sustentável novamente. A felicidade da personagem,



porém, dura pouco e, quando EVA é chamada de volta à estação espacial Axiom, Wall.e agarra a nave que a transporta para segui-la. A planta, quando colocada no holo-detector, faz a nave localizar e ir a Terra. Mas os bots Auto, Geomis e robôs comissários da Axion, negam o procedimento de retorno a Terra por causa de uma diretriz recebida há quase 700 anos antes, enviada pelo presidente da BNL. Então, durante as aventuras ao longo do filme, inicia-se uma aventura de retorno a Terra.

Com esta trama vemos recorrentemente o enunciado de terror e medo da perda do planeta, diante da devastação ambiental criada pelo homem. O consumo exacerbado, as toneladas de lixo que soterraram a Terra e a destruição da natureza são anúncios recorrentemente no filme sob análise.

Parece que em tempos atuais viemos um paradoxo difícil de ser resolvido: na medida em que os meios comunicacionais nos informam e nos ensinam sobre a gravidade da devastação planetária e, diante disso, a importância de atentarmos cada vez para nossas ações cotidianos sobre a preservação do Planeta, temos também um enunciado potente nos mesmos meios comunicacionais de que estamos perdendo o planeta e que diante disso, fica difícil construirmos um novo mundo... Valdo Barcelos (2005) aponta para as problemáticas enunciações a respeito de grandes feitos para salvação do planeta. Vale colocarmos sob suspeita verdades grandiosas nos convocando a salvar o futuro da espécie humana. De todo modo, isso não nos exime de pensar sobre as ações planetárias e de nossa responsabilidade cotidiana com pequenas ações diárias para criarmos espaços e convivermos harmoniosamente no Planeta Terra.

Certamente a crise ambiental é algo instalado em nossas vidas. No entanto, a forma como a mídia muitas vezes vem nos apresentando leva a esta sensação de medo, com seus enunciados apocalípticos do fim de mundo. Pensamos então: até que ponto os veículos de comunicação vem nos ajudando a pensar ecologicamente sem fazer uso/apelo ao medo, à insegurança e à incerteza da vida humana? Talvez Bauman nos ajude a pensar como vivemos o medo na atualidade líquida moderna que estamos experimentando:

O medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável (BAUMAN, 2007, p.32)

O autor nos provoca a pensar o quanto o medo está cada vez mais esparramado em nossa sociedade e o quão complexo é conseguirmos estancá-lo, detê-lo, barrá-lo, pois ele é escorregadio, vem de diferentes locais, toma uma proporção avassaladora em nossas vidas, a ponto de cada vez mais buscarmos por segurança, por espaços



fechados, seguros, vigiados e protegidos de qualquer perigo. Cada vez mais, buscamos uma vida tranquila e segura, mas será essa uma vida possível no mundo em que vivemos? E quanto aos perigos que não podemos prever, aqueles que nos ameaçam diariamente e que não sabemos como enfrenta-los? Como lidar com tantos medos?

É necessário olhar a forma como recorrentemente entendemos esta crise, pois os discursos referentes à perda do planeta do qual somos alvos diariamente, nos mostra o quanto a crise ambiental é consequência da relação do homem com a natureza e da inadequada utilização de seus recursos naturais, do desenvolvimento tecnológico, da urbanização, da pobreza e, principalmente do nosso estilo de vida consumista.

É preciso um maior entendimento e compreensão da real situação de degradação do meio ambiente e das relações sociais, através de ações políticas, sociais e culturais.

### **Mídia e Cinema: engendrando o sujeito ecológico**

Consumidores conscientes consomem produtos ecologicamente corretos, ou produtos que apelem para a idéia de *natureza*. Aqui aparece mais uma faceta da problemática que envolve a Educação Ambiental: a cisão entre natural e artificial, ou entre cultura e natureza. Amaral (2004) alerta para a importância de como a natureza é representada quando animais e paisagens exóticas aparecem atreladas a produtos tão diversos como xampus, carros, roupas e refrigerantes. A natureza é retratada como o lugar do não-humano, ou seja, do que pode ser apropriado e aprimorado pelo homem, que o transforma finalmente em mercadoria. É por isso que Amaral pode nos dizer que o saber aparece acoplado à representação, e que o poder positivamente produz relações de força que disputam o sentido dessas representações. As representações, ao final do processo, tomam vulto e povoam o senso comum, tornando *natural, óbvio* ou *evidente* o que é, antes de qualquer coisa, resultado de relações de poder imersas em um determinado tempo e lugar.

Na sociedade da informação, estamos submetidos ao recorte de mundo promovido pela grande mídia, e tal abordagem adentra-nos quanto as formas mais adequadas de viver esse mundo. Para além de uma perspectiva *mais certa* ou *errada* sobre a Educação Ambiental e a crise ecológica, o importante é destacar que todas essas valorações são resultado de disputas eminentemente determinadas pela cultura datada no tempo e fixada geograficamente. E que esta é uma sociedade profundamente marcada pelas tecnologias da comunicação, pela exaltação do consumo e pelo caráter cada vez mais fluido do capital.



Neste tempo contraditório, o que conta como natureza, neste final de século, está sendo discutido/produzido não apenas nos laboratórios científicos, na militância verde ou nos espaços acadêmicos de pesquisa e educação formal, mas principalmente, nos espaços destinados à produção de informação/entretenimento do tempo presente, onde um brinquedo tecnológico adquire o status de um animal de estimação (Tamagotchi), onde um ser vivo é plastificado, empacotado e comercializado como um brinquedo (Triops), onde a vida biológica é patenteada e disputada, onde os Estúdios Disney nos ensinam sobre a Selva e os documentários de História Natural narram a sociedade. São nestes locais mais corriqueiros, 'inocentes' e *naturalizados* na nossa sociedade que aquilo que conta como natureza, neste final de século, está constantemente sendo reproduzido, reformulado, formatado, reeditado, transformado e vendido ao mundo (AMARAL, 2004, p. 130) [Gritos da autora].

Disciplina e controle se complementam no jogo midiático de relações de força e de sentido, onde o regime de luz que ordena a visibilidade apregoa e enaltece determinadas valorações. É por isso que teóricos da comunicação como Gomes (2003) podem afirmar que

É por conta da visibilidade que as mídias assumem um papel crucial como disciplina e controle, portanto, como promotoras/mantenedoras de escalas de valores, como vigilantes. Temos que pensá-las em seu duplo papel: aquele pelo qual expõem a todo o momento os conflitos é também aquele pelo qual definem a esfera de equilíbrio em que esses conflitos se diluam (GOMES, 2003, p. 77).

Para atermo-nos ao cinema, mídia analisada neste artigo, é importante destacar o predomínio do cinema norte-americano no mercado mundial. Os enunciados acerca da natureza intocada ou ainda de uma natureza em oposição às questões tecnológicas vem sendo amplamente tratados no interior da mídia. E dessa captura faz parte o cinema, com seus discursos marcados pela Educação Ambiental, especialmente a partir da década de 90. Alguns autores indicam claramente a força da cultura de massa produzida naquele país. Lipovetsky (2012) alerta para o fato de que 80% das telas do planeta projetam filmes produzidos pelas sete maiores redes norte-americanas, e Canclini (2009) ressalta os efeitos do *block booking*, prática corrente no mercado cinematográfico. Ao comprar um grande sucesso de bilheteria norte-americano, os exibidores são obrigados a adquirir 30 filmes de baixa qualidade e interesse, e tem o dever de programar a exibição destes filmes nos meses de maior movimento. Caso não sigam tais regras serão punidos pelas distribuidoras norte-americanas, que deixarão de repassar a eles os filmes de maior bilheteria.

A mídia de massa ampliou as possibilidades de recepção, mas também padronizou modos de vida. Na sociedade do consumo, o cliente pode escolher à vontade que persona encarnar – desde que esta já esteja prevista. É assim que a pluralidade é aceita, ou seja, dentro de determinados limites:

Na cultura de massa essa reverência ao diferente é a obediência e, ao mesmo tempo, produção de um novo dogma: a produção de diferenças que não façam diferença alguma (HARA, 2007, p. 5).



Na organização discursiva contemporânea, toda diferença se recorta a partir de um fundo de igualdade – esta última, palavra de ordem fundamental de uma sociedade marcada pela livre concorrência. Nesse sentido é que Sloterdijk (2002) destaca a profunda indiferença da diferença tão alardeada e difundida nos veículos de comunicação:

A sociedade contemporânea também não pode deixar de formar em todas as áreas possíveis escalas de valor, categorias, hierarquias – como sociedade de concorrência confessa, não pode fazer diferente. Mas ela deve conceder seus lugares sob premissas igualitárias – é condenada a supor que a diferença entre vencedores e perdedores nos mercados e nos estádios não produz e ocasiona diferenças essenciais, mas representa tão somente uma contínua lista hierárquica apta à revisão (SLOTERDIJK, 2002, p. 112).

O autor explica que vivemos uma diferença horizontal: somos massa colorida, sem, contudo, deixarmos de ser massa fundamentalmente. O caráter de previsibilidade com relação às possibilidades de diferenciar-se, com relação à paleta de cores que temos à disposição, caracteriza a tecnologia da sociedade de controle: o biopoder. É este quem regula as divergências e delimita o campo de diferenciações possíveis. Assim, a sociedade de controle alia-se a um dispositivo de segurança que insere um dado fenômeno em uma série de acontecimentos prováveis e, “em vez de instaurar uma divisão binária entre o permitido e o proibido, vai-se fixar de um lado uma média considerada ótima e, depois, estabelecer os limites do aceitável, além dos quais a coisa não deve ir” (FOUCAULT, 2008, p. 9).

De acordo com tal perspectiva, então, a mídia pode ser vista como um processo de adestramento do sujeito, de acordo com os ideais da massa. E mais: de maneira permanente e contínua. É este, como diz Hara (2007), o primado da comunicação: minuto a minuto ela molda nossa subjetividade com os ideais da massa ao nos convidar a participar, ao nos persuadir a jogar.

A mídia se tornou um instrumento importante para disseminação da Educação Ambiental entre a população perante a crise ambiental, e dessa forma, vem produzindo sujeitos, modos de ser e viver a/na contemporaneidade. Além das propagandas midiáticas, das campanhas de empresas como bancos, redes de supermercados, ou ainda as propagandas e campanhas de ONG'S, colocamos em evidência o cinema, que também vem chamando a atenção para a crise ambiental e nos provocando a pensar no futuro do Planeta.

O filme *2012* (2009), dirigido por Roland Emmerich, fala de uma possível catástrofe que - de acordo com o calendário Maia - atingiria a Terra em 2012. Com um panorama de destruição, desde a erupção do vulcão Yellowstone, a Califórnia sendo afogada pelo oceano, terremotos e tsunamis, o filme provoca medo e terror diante de um cenário apocalíptico. De outra forma, no cinema de animação infantil, destacamos os



filmes *Batalha por T.E.R.A* (2007), e o já referido *Wall.e* (2008), ambos com discursos antropocêntricos onde o homem aparece como o principal destruidor do planeta.

Os filmes em destaque mostram em meio a ficções, discursos que vem nos atravessando em relação ao futuro do Planeta e da espécie humana na Terra. De formas diferentes, os filmes alertam para as possíveis catástrofes que o homem poderá ser acometido no futuro. Diante disso, ressaltamos a força com que a mídia vem nos interpelando e nos alertando para o futuro da vida na Terra.

Os discursos gerados pela mídia através das propagandas, da internet, ou do cinema - e isso em escala mundial - vem colocando em circulação discursos de medo da perda do Planeta. Corroborando desta visão, Bauman comenta:

O que mais amedronta é a ubiqüidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas ou das telas luminosas dos televisores. [...] Do que chamamos de “natureza” (pronta, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a proliferação de terremotos, inundações, furacões, deslizamentos, secas e ondas de calor) (BAUMAN, 2008, p.11) [grifo do autor].

Nos dias atuais o medo cada vez mais vem tomando conta de nossas vidas. Um sentimento conhecido de todos os seres vivos ao longo da história da humanidade parece, na modernidade, tornar-se mais evidente. O medo da perda do Planeta e do futuro da existência humana na Terra notavelmente atinge a todos em escala planetária. Vale lembrar de algumas enunciações feitas na recente Rio+20 acerca disso: precisamos cuidar do Planeta ou não o teremos mais para viver. Esta constatação nos reporta ao que Bauman chamou de medo derivado.

O “medo derivado” uma estrutura mental estável que pode ser mais bem descrita como sentimento de ser suscetível ao perigo; uma sensação de insegurança (o mundo esta cheio de perigos que podem se abater sobre nós a qualquer momento com algum ou nenhum aviso) e vulnerabilidade (no caso de o perigo se concretizar, haverá pouca ou nenhuma chance de fugir ou se defender com sucesso; o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais) (BAUMAN, 2008, p. 9).

Em tempos contemporâneos os modos de vidas na sociedade encontram-se instáveis, provisórios e isso nas mais variadas esferas de nossas vidas, sejam nas relações de amizade, no trabalho ou na família.

Vivemos a modernidade líquida, onde tudo se transforma rapidamente e a sociedade a todo momento precisa se moldar, criando estratégias de existências em meio a um conjunto de condições e possibilidades instáveis, provisórias e mutantes. Bauman se utiliza dessa metáfora para indicar o estado de volubilidade em que nos encontramos. Ao descrever os líquidos, Bauman salienta:



O que todas essas características dos fluídos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluídos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo [...], os fluídos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas “por um momento” (BAUMAN, 2001, p.8).

Perante um olhar crítico que parte do pressuposto de que a crise ambiental deriva do sistema social, esta afirmativa lança a hipótese de que só uma mudança radical nas formas de ser e viver na/a contemporaneidade seria capaz de minimizar os problemas ambientais vividos por nós na atualidade. Frente a isso, ressaltamos a importância de apreendermos as formas de viver na atualidade, reinventando novas maneiras de nos relacionarmos enquanto seres sociais, em um tempo que se necessita de revoluções políticas e culturais, para que a vida na Terra esteja menos ameaçada. (GUATTARI, 2008).

Vivemos em uma sociedade marcada pelo consumo e para o consumo, onde tudo se transforma rapidamente. Precisamos estar atentos as grandes possibilidades de transformações constantes em que vivemos. Podemos dizer que hoje não temos mais necessidade das coisas, e sim um estado de incompletude e de constantes desejos.

O consumo deixou de ser uma prática banal do dia a dia, com raízes antigas, que atravessou os séculos, para se transformar no eixo das sociedades do presente, fonte de inspiração para a modelagem de uma enorme variedade de formas de vida e de padrões de relação entre as pessoas. Na sociedade de consumidores, as pessoas são ao mesmo tempo consumidoras e mercadorias (COSTA, 2009, p. 34).

A autora acima se refere ao consumo como sendo marca registrada de nossa sociedade, a linha organizadora tanto na ordem social, política, econômica quanto cultural, no qual nascemos, crescemos e somos educados. Nesse sentido, vale problematizar: de que forma nos tornamos sujeitos nos dias de hoje? Como nos constituímos e somos constituídos dentro de uma sociedade consumidora?

### **Comunicação, consumo e sustentabilidade**

Fazemos parte de um tempo marcado pela cultura da mídia, pelos meios de comunicação de massa que influencia a todos nós, e, dessa forma, a todo o momento estamos nos constituindo, modificando e nos tornando sujeitos no mundo de hoje. Bauman (2001) afirma que o consumo é o eixo organizador das sociedades do presente, nas quais se articulam as formas de ser e viver na contemporaneidade. Nesse sentido, parece fundamental buscar compreender que laços unem o discurso da sustentabilidade com o do consumo.



Em um mundo repleto de consumidores e produtos, a vida flutua desconfortavelmente entre os prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo. A vida talvez seja sempre um “viver-para-a-morte”, mas, para os que vivem na líquida sociedade moderna, a perspectiva de “viver-para-o-depósito-de-lixo” pode ser preocupação mais imediata e consumidora de energia e trabalho (BAUMAN, 2007, p.17-18) [grifos do autor].

No filme de animação *Wall.e* há a preocupação com uma questão que se tornou pauta de discussão no tempo atual: a produção de lixo. Vale referir que esta produção está intimamente relacionada a uma característica dos tempos líquidos: o consumo exacerbado. Ao assistir a animação a mensagem parece ser de que se não dermos a devida atenção a esta situação muito em breve estaremos soterrados sob pilhas e pilhas de lixo. O interessante é perceber que mesmo trazendo esta discussão o filme evidencia também o consumo como marca dos humanos na atualidade.

O “lixo é o principal e, comprovadamente, mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo” (BAUMAN, 2007a, p. 17). Nossa vida, marcada que é pelo consumo, no empurra cada vez mais para a descartabilidade das coisas. A abundância de lixo que produzimos cotidianamente já vem sendo fruto de amplas discussões e legislações.

A BNL, empresa apresentada no desenho animado em questão, tem como objetivo satisfazer e criar novos desejos nos humanos. Permanece a promessa de satisfazer os desejos, necessidades e vontades humanas. A animação evidencia os seres humanos como consumidores satisfazendo suas vontades, muitas vezes, de forma compulsiva. A sociedade de consumo continua atuando onde quer que estejam os indivíduos, independentemente dos espaços ocupados por nós. O consumismo continua operando conjuntamente com a descartabilidade e, em consequência, pilhas de lixo não deixam de crescer.

Partindo da idéia de que a sustentabilidade, cada vez mais, aparece cotidianamente nos artefatos midiáticos – e lembrando que constituímos e somos constituídos pelo que circula nos veículos de comunicação – destacamos a indicação de Sampaio (2012) quanto a ampla aceitação de tal discurso. A autora comenta que, ao conciliar desenvolvimento econômico e proteção ambiental, o discurso da sustentabilidade apazigua interesses contraditórios e passa a idéia de complementaridade entre consumo e sustentabilidade. Tal estratégia minou modelos alternativos mais radicais e enalteceu soluções tecnológicas para o problema, em detrimento de uma mudança responsável e previdente nas formas de produção econômica. O mais importante, assim, é dar continuidade à economia de mercado, mitigando os efeitos da crise ambiental de modo a não afetar a reprodução econômica do capitalismo.



Se a sociedade atual reproduz desejos, mitos e condutas é porque determinadas reproduções correspondem à autonomia dos sujeitos – e é assim que a ardilosa “liberdade de escolha” homogeneiza a cultura. O problema está, justamente, na emergência de uma sociedade que funciona baseada no consumo e na incitação contínua e permanente ao hedonismo. É possível perceber, assim, o quanto a liberdade é limitada pelas relações de força e de sentido que nos constituem. Sarlo (1997) sugere que as perguntas mais pertinentes a este tempo seriam aquelas que nos fazem *ver*: “Não são perguntas sobre *o que fazer*, mas sobre *como armar uma perspectiva para ver*” (SARLO, 1997, p. 10) [grifos da autora].

O discurso da sustentabilidade não só resguarda a economia de mercado como também a revigora. A busca pelo consumo sustentável preenche jornais na televisão, na mídia impressa e no rádio, e é enaltecida nas telas de cinema e na internet. São animações, reportagens, editoriais e peças publicitárias que apelam e constituem o sujeito “verde”, persuadindo-o da importância de preservar o planeta.

Segundo Bauman (2011), na sociedade de consumo, a incitação permanente para a reprodução de estilos de vida gerados pelas últimas ofertas do mercado é vista pelas pessoas como uma evidência de liberdade pessoal. Para os habitantes da modernidade líquida, a vida exige um enorme dispêndio de energia: na lógica da diferença pela diferença, na perene caça a novas identidades, é preciso ter um bocado dinheiro e força de vontade contínua.

A fragilidade de toda e qualquer identidade (mesmo sua solidez pouco confiável) joga nas costas dos caçadores de identidade o dever de se dedicar diária e intensamente a esse trabalho. O que poderia ter começado como um empreendimento consciente pode se transformar, com o passar do tempo, numa rotina irrefletida, por meio da qual a afirmação eterna e sempre repetida de que ‘*you can be*’ se torna alguém diferente de quem é’ é reformulada na frase ‘*you have to be*’ de se tornar alguém diferente de quem é’. (...) Como a pressão dessa obrigatoriedade permanece firme e dominante, conforme se possuam ou não os recursos requeridos por esse ‘fazer o que tem de ser feito’, o ‘tem’ soará mais como escravidão e opressão do que como algum imaginável avatar da liberdade (BAUMAN, 2011, 143).

Entre as valorações disponíveis e previstas pelo capitalismo flexível estão os conceitos de *natural* e de *natureza*. Como bem apontado por Amaral (2004), o desenvolvimento tecnológico e científico abriu um amplo espaço entre as pessoas e a natureza. A constante urbanização e o ímpeto pelo progresso fez com que o sentido de natural se transformasse de tal forma que, hoje, o *natural* passou a ter maior importância. A problemática de como essa importância é significada é evidenciada quando a autora analisa uma famosa propaganda do Leite Parmalat, onde várias crianças fantasiadas de diferentes filhotes de mamíferos aparecem consumindo o referido produto. Amaral explica



que ali o natural é exaltado de maneira a significar que um leite pasteurizado e esterilizado é o que deve ser bebido. Uma contradição, pois ao mesmo tempo em que exalta a natureza, evidencia um produto nada natural, pasteurizado e industrializado. Esse tipo de valoração, tão comum e cotidiano em uma sociedade marcada pela revolução tecnológica, situa o natural fora da natureza e faz com que *natural* e *natureza* assumam definições muito diferentes. No mesmo sentido, a autora explica:

[...] o artificial nem sempre teve o tom pejorativo que atualmente lhe é atribuído, conseqüentemente, nem sempre o natural foi tão fervorosamente pregado e vendido na sociedade contemporânea, ironicamente caracterizada pela valorização da técnica, pela racionalidade da produção, pela invasão do espaço virtual nas relações pessoais e com o meio, enfim, irremediavelmente distante da natureza (AMARAL, 2004, p. 159).

Partindo da circulação desse tipo de escala de valores e recorte discursivo, parece urgente pensar sobre a forma como recorrentemente entendemos a crise ambiental. Carvalho (2008) ressalta que é preciso renovar a nossa visão de mundo e entender “o meio ambiente não somente como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre cultura, sociedade e a base física e biológica dos processos vitais” (2008, p. 37) - uma visão socioambiental, portanto. Nesse sentido, a autora salienta a importância de entendermos o meio ambiente como um espaço fundamental de relação entre sociedade, natureza, meio ambiente e o homem como um atuante das relações sociais, naturais e culturais.

Para o bem ou para o mal, os discursos da Educação Ambiental reverberam cotidianamente na mídia e em outros espaços em que a vida se coloca como questão central para continuidade do futuro do planeta. Com isso, a Educação Ambiental toma força e vem se constituindo num campo de visibilidades diante da preocupante devastação do meio ambiente. Nesse sentido, os discursos midiáticos vão fabricando *modos ecológicos de vida*, ou seja, vão nos persuadindo a jogar o jogo da preservação do planeta e da espécie humana.

A mídia é o lugar da comunicação, da informação e da visibilidade de uma certa hierarquia de importância. O eterno e o efêmero coexistem nessa cultura, onde o tempo experimenta uma fragmentação da linearidade, e territórios e identidades implodem por todos os lados. Na fluidez contemporânea, novas sensações e experiências são oferecidas a cada instante – a velocidade da tecnologia quebra a linearidade e faz com que o futuro seja a fonte de maior desejo e cobiça. O jogo é entre o virtual e o real, onde o futuro se antecipa ao presente e legitima uma certa concepção do que realmente importa nessa sociedade. As palavras de ordem (DELEUZE, 2006) que a mídia faz circular apontam para o que devemos acreditar, para o que temos a obrigação de abraçar.



Apelam para um comportamento que legitime a importância do que ela nos diz. É nesse sentido que Taylor (2008) adverte sobre os chavões que diariamente são usados para neutralizar qualquer discordância – “liberdade”, “direitos”, “respeito”, “não discriminação” etc. Assim, a “liberdade de escolha” e a autodeterminação pegam carona no efeito de poder e de saber que atravessam essas palavras de ordem.

As palavras de ordem postas em circulação nos três filmes eleitos para análise indicam modos de vida de certa forma já previstos pelo tipo de poder inerente a sociedade contemporânea: o biopoder.

[...] cada um de nós é interpelado, em todos os recantos do planeta, a promover o crescimento verde, o desenvolvimento sustentável, novas fontes de energia pura, o consumo ecológico. Essa peça da cultura-mundo, a exemplo da competição no capitalismo globalizado, se consagra não como uma escolha voluntária, mas como uma obrigação, uma reação de sobrevivência perante uma realidade amplamente incontrolável e indesejada (LIPOVETSKY, 2012, p. 28).

Torna-se cada vez mais comum o apelo midiático de produtos e serviços ecologicamente responsáveis. Curiosamente, o discurso ecológico aparece em meio a uma incitação permanente ao consumo desenfreado. O capitalismo flexível alia-se a comunicação e cria a ilusão do consenso, dotando-a de uma lógica que se revela uma quimera. Não há aliança possível entre consumo irrestrito e preservação ambiental. Mas o que diariamente ouvimos, lemos e visualizamos em filmes com temáticas ambientais, chamadas publicitárias e manchetes jornalísticas é exatamente esse inusitado casamento. E é nessa impossibilidade que se engendra tanto o sujeito ecológico quanto o sujeito consumidor, numa típica aliança forjada no capitalismo flexível.

O cinema, como qualquer outra mídia, faz ver e falar, produzindo efeitos que engendram determinadas posições de sujeito. É por isso que a ampliação da recepção na era das redes também intensificou a padronização dos estilos de vida - a pluralidade é aceita, mas dentro de determinados limites. Por outro lado, é preciso reconhecer os benefícios dessa hipermodernidade. Lipovetsky (2012) alerta para o fato de que a cultura-mundo liberal vai além de simplesmente comercializar produtos ecologicamente corretos que aplaquem a culpa do hiperconsumismo atual. É necessário acentuar, assim, seu caráter positivo: é essa mesma cultura-mundo, estruturada sobre seu aparato técnico-científico, que viabilizou um aumento de oito anos na expectativa de vida da população dos países em desenvolvimento. Apesar de Lipovetsky indicar a cultura-mundo como uma cultura de *hits*, e de desconfiar de teorias que equivalem os mercados de nicho ao dos grandes sucessos mundiais, ele também destaca as inúmeras resistências aos mecanismos do mercado. Antiamericanismo, reclamações cultural-identitárias, lutas pelo



reconhecimento de diferentes formas e estilos de vida fazem parte dessas resistências que cotidianamente acontecem nos mais diferentes contextos e países.

A desforra da cultura aparece nas práticas do desenvolvimento sustentável, nas denúncias de desigualdades extremas, na busca de um sentido na vida que passe ao largo de uma vida voltada para o hedonismo e para o consumo. É assim que a cultura da globalização acaba abrindo espaço para possibilidades inéditas de pertencimento social e identificação coletiva.

### **Provocações Finais**

Falando a partir de uma perspectiva de relações de poder, está implícita a possibilidade de resistência e luta contra a “homogeneização” da diferença. Assim, a complexidade evidente entre consumo e sustentabilidade precisa ser analisada sem perder de vista as mutações do capitalismo flexível. A resistência parece, afinal, tomar a forma de uma reapropriação civil desse mundo profundamente marcado pela aliança entre comunicação e dinheiro. Nas palavras de Deleuze:

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou de volume reduzidos. [...] É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo (DELEUZE, 2006, p. 218) [grifo do autor].

Frente a isso, vale pensarmos nos discursos emblemáticos que trouxemos nesse artigo: o terror e medo da perda do planeta e o consumo desenfreado da sociedade líquida-moderna. Talvez seja momento de, assim como nos ensina Barcellos (xx) e Guattari(xx) pensar em travar alianças potentes para que nos provoque a pensar em micropolíticas possíveis para continuarmos a viver neste planeta. Uma escuta da vida, uma escuta do mundo que possibilite espaços de resistência e criação diante da crise ambiental que se instala. Talvez seja necessário pensar em pequenas ações diárias que nos provoque a olhar para o mundo compondo um pensamento minoritário para Educação Ambiental. Não se trata de um projeto de todos em prol do futuro do planeta, mas de pequenas ações que possibilitem a cada um uma ética política para pensar o futuro do planeta. Estaria aí o desafio para cada um de nós e para que a mídia pudesse participar dessa composição menos aterrorizante e consumista e mais micropolítica, com enunciações demarcadas pelo nosso pertencimento ao meio ambiente.

É preciso deixar claro que a proposta deste artigo não se vincula a desqualificar aquelas ações que chamamos de “ecologicamente corretas”. O que gostaríamos é que nosso estudo suscitasse questões pouco problematizadas por nós: que força e



produtividade tem os discursos midiáticos que nos conduzem a determinadas ações diante do cenário contemporâneo? Nesse sentido, gostaríamos que nossa pesquisa pudesse provocar novas discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo-a como um importante instrumento de ação política na sociedade atual. Talvez este outro olhar suscite novas possibilidades de resistência e criação na análise da Educação Ambiental.

## Referências

Amaral, Marise (2004) “Natureza e representação na pedagogia da publicidade”, in Costa, Marisa Vorraber (org.), **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Bauman, Zygmunt (2011) **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_ (2008) **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_ (2001) **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Canclini, Néstor Garcia (2009) **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Carvalho, Isabel Cristina de Moura (2008) **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Editora Cortez.

Costa, Marisa Vorraber (2009) “O consumismo na sociedade de consumidores”, in Costa, Marisa Vorraber (org.), **A Educação na cultura da mídia e do consumo**. Rio de Janeiro: Editora Lamparina.

Deleuze, Gilles (2006) **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed 34.

Ehrenberg, Alain (2010) **O culto da performance**. Aparecida-SP: Idéias & Letras.

Foucault, Michel (2008) **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes.

Gomes, Mayra (2003) **Poder no Jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar**. São Paulo: Edusp.

Grun, Mauro (2007) **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas, SP: Papyrus.

Guattari, Félix (2008) **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus.



Hara, Tony (2007) “Sociedade da Comunicação: controle e captura da singularidade”, in **Revista Aulas – Dossiê Foucault**, Nº 3: 01-15.

Henning, Paula; Ratto, Cléber e Garré, Bárbara (2010) “Educação ambiental, mídia e biopoder”. **Anais da 33ª Reunião Anual da ANPED**.

Jameson, Fredric (2006) **A Virada Cultural**: reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Lipovetsky, Gilles e HERVÉ, Juvin (2012) **A Globalização Ocidental**: controvérsia sobre a cultura planetária. Barueri, SP: Manole.

Sampaio, Shaula (2012) “**Uma floresta tocada apenas por homens puros...**” ou do que **aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sarlo, Beatriz (1997) **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

Sloterdijk, Peter (2002) **O desprezo das massas**: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna. São Paulo: Estação Liberdade.

Taylor, Charles (2008) **Uma era secular**. São Leopoldo: Ed. Unisinos.